

CUIDADO DE SI EM SITES DE REDES SOCIAIS: APONTAMENTOS SOBRE UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA NO TWITTER

Ana Paula Freitas Margarites*
Carla Gonçalves Rodrigues**

Resumo: Este artigo busca discutir a publicação de conteúdo criado pelo próprio usuário em sites de redes sociais (SRS) a partir dos conceitos foucaultianos de resistência e cuidado de si. Valemo-nos de uma revisão à obra do autor, particularmente das obras que discorrem a respeito das estratégias de cuidado de si praticadas na antiguidade grega. Buscando contextualizar a questão, trazemos a experiência da escritora estadunidense Peggy Orenstein, narrada em seu artigo *I tweet, therefore I am*. Discutimos as práticas de cuidado de si considerando-as como um conjunto de ações que se toma em busca de uma melhoria de si mesmo. As publicações nos SRS, por outro lado, prescindem do caráter meditativo presente destas práticas ao serem destinadas a uma audiência. O pensamento foucaultiano coloca-se então possibilidade para se pensar usos subversivos de tais sites.

Palavras-chave: Cuidado de si; Sites de redes sociais; Twitter.

CARE OF THE SELF ON SOCIAL NETWORK SITES: NOTES FOR AN AESTHETICS OF THE EXISTENCE ON TWITTER

Abstract: This article aims at discussing the publication of content created by users on social networking sites (SNS) based on the foucauldian concepts of resistance and care of the self. We started by reviewing the author's work, particularly his writings that talk about strategies of care of the self practiced in Greek antiquity. Seeking to contextualize the matter, we bring the experience of American writer Peggy Orenstein, narrated in her article "I tweet, therefore I am". We discuss care of the self practices by considering them as a set of actions that are taken in search of self-improvement. The SNS publications, on the other hand, do not have the meditative character of these practices as they are intended for an audience. Foucauldian thought then poses a possibility to think of subversive uses of such sites.

Keywords: Care of the self; Social network sites; Twitter.

Recebido em: 02-07-2018 Aceito em: 09-09-2018

INTRODUÇÃO

Tudo é caso de sangue. Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 51).

Começo o dia com alguma ansiedade. Fiquei acordada até tarde na noite passada, escrevendo um texto para publicar no Facebook sobre como as últimas medidas do governo estão rapidamente levando ao fim do pouco que restou de direitos

1 *Doutoranda no Programa de pós-graduação em Educação da UFPel; professora nos cursos de design do IFSul – Campus Pelotas.

2 **Professora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

dos trabalhadores no Brasil. Reuni fatos, citei reportagens e usei memes³ para provar meu ponto de vista. Pela manhã, corro para verificar: meu texto provocou alguma reação? Quantas curtidas, quantos compartilhamentos? Quantas opiniões favoráveis, quantas opiniões raivosas? Pego o celular enquanto preparo um café. Decido que ainda não é hora de verificar meu e-mail, pois são sete da manhã e é muito cedo para começar a trabalhar. Alguém me mandou uma mensagem privada pelo Facebook e vou ver do que se trata. Parece que uma mobilização conservadora em Porto Alegre levou o Santander Cultural a encerrar prematuramente a mostra *Queermuseu*, que por sorte eu tinha visitado alguns dias antes. Decido compartilhar a notícia na minha própria linha do tempo⁴. Apesar da urgência que sinto em me manifestar sobre o tema, não há tempo agora para elaborar qualquer escrita mais complexa, então simplesmente escrevo “inacreditável” e marco os colegas que foram visitar a mostra comigo.

Ainda verificando as notificações no celular, vejo que recebi um e-mail do site academia.edu – um site que é uma espécie de currículo lattes com características de rede social – procurando confirmar a minha autoria de um artigo publicado em 2010 que fora recentemente incluído no currículo *online* de um dos co-autores. Fico na dúvida entre tornar ou não visível a minha participação na escrita deste texto; considero-o bastante frágil e há ali pouca relação com as coisas que tenho pesquisado nos últimos anos, de modo que me pergunto se não seria melhor escondê-lo – e esquecê-lo. Meu dia mal começou e já tomei pelo menos duas decisões a respeito de como quero ser vista por outras pessoas nas redes sociais.

Este artigo busca problematizar a relação entre a publicação de conteúdo em sites de redes sociais (SRS), mais especificamente no Twitter, e práticas de cuidado de si e resistência, conforme discutidas por Michel Foucault. Para tanto, valemo-nos de uma revisão à obra do autor, particularmente das obras que discorrem a respeito das estratégias de cuidado de si (FOUCAULT, 1988, 2010a, 2010b, 2012, 2014b) praticadas na antiguidade grega. Buscando contextualizar a questão, analisamos a experiência da escritora estadunidense Peggy Orenstein narrada em seu artigo *I tweet*,

3 Termo que se refere a conteúdo de qualquer natureza que “viraliza” na rede e é ampla e rapidamente compartilhado por um grande número de usuários. Pode se tratar de um vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc.

4 A linha do tempo (ou *timeline*) do Facebook, é o espaço onde os *posts* (textos, imagens, vídeos, links) publicados por um determinado usuário são exibidos. Estas atualizações são mostradas a partir de uma combinação entre sua relevância (calculada a partir de um algoritmo exclusivo do SRS) e uma ordem cronológica inversa; *posts* mais recentes aparecem no topo da página e as mais antigos aparecem no fim.

*therefore I am*⁵ (ORENSTEIN, 2010). A intenção é de identificar, a partir do relato da própria autora, de que forma o uso dos SRS transita entre o cuidado de si e a modulação de comportamentos em busca do melhor efeito perante uma audiência.

PANÓPTICO COTIDIANO NOS SITES DE REDES SOCIAIS

Os SRS são hoje “templos da religião comunicacional mundial” (MUSSO, 2010, p. 36). Não há muitos que resistam à comunicação instantânea, ao grande volume de informação e à possibilidade de compartilhar um tanto de sua vida e de suas opiniões. Em menos de uma década, serviços *online* como Facebook, Twitter, Instagram, Whatsapp e academia.edu alteraram de forma significativa a maneira como trabalhamos, aprendemos, nos entretemos e nos comunicamos.

No campo da educação, as diferentes possibilidades de interação oferecidas pelos SRS têm sido utilizadas como ferramenta para comunicação entre professores e estudantes tanto na educação a distância quanto na educação presencial (ZANCANARO et al., 2012, JULIANI, 2012). Estes sites favorecem a rápida troca de informações, o compartilhamento de materiais e até mesmo o acompanhamento do desenvolvimento de estudos e projetos.

No entanto, mesmo que facilitem a comunicação, os SRS quando utilizados no âmbito educacional resultam muitas vezes em maior carga de trabalho para todos os envolvidos. Ao expandir o tempo e o espaço da sala de aula, a rede também dissolve a separação entre tempo de trabalho e tempo de lazer e ócio, como já vem sendo observado em diferentes campos de trabalho imaterial (GILL; PRATT, 2008, PERRONS, 2003).

Fora do currículo e dos caminhos formativos tradicionais, as discussões que articulam SRS e o campo da educação ainda são escassos, ainda que tais serviços façam parte do cotidiano de estudantes e professores. A participação ativa em diferentes SRS é hoje parte da rotina diária de milhões de pessoas ao redor do mundo; de acordo com estatísticas levantadas pela ITU (2017), 3.1 bilhões de pessoas – quase metade da população mundial – tem algum tipo de acesso à Internet. No Brasil, os dados da Pesquisa de Mídia 2016 (SECOM, 2017) mostram que 65% dos jovens com até 25 anos entrevistados acessam a internet todos os dias no país.

5 “Tuíto, logo existo” (tradução nossa).

Muito se discute a respeito de como os SRS reconfiguram atividades econômicas e educacionais, instituições e práticas sociais, mas pouco se fala das modificações que este hábito contemporâneo causa em termos de modos de subjetivação. Ainda estamos aprendendo a respeito de como estas plataformas *online* impactam em nosso pensamento, nossos afetos e nosso modo de existir.

O trabalho do filósofo francês Michel Foucault pode fazer pensar nas modificações no processo de nos tornarmos sujeitos engendrados nos SRS. Foucault morreu em 1984, antes da popularização do uso da internet como conhecemos, e ainda assim seus estudos sobre relações de poder e subjetivação são relacionáveis à vida *online*.

A partir de um olhar cético em relação aos universais antropológicos, Foucault (2010b) vê o sujeito como constituído historicamente a partir de processos que o autor chama de modos de subjetivação. O sujeito aparece, então, como um efeito de uma constituição produzida por determinados arranjos de saber e de poder (2010b), entrecruzados com a constituição ética de si mesmo enquanto sujeito moral (2010a).

Em uma perspectiva foucaultiana, os SRS são mais do que veículos para troca de informações, engendrando modos de subjetivação que articulam saber, poder e ética. O compartilhamento de conteúdo nas redes não se configura apenas como uma troca de saberes; quando o praticamos, estamos procurando tornar visível o nosso ponto de vista, queremos marcar nossa presença, alinhar-nos em relação a uma diversidade de discursos a respeito dos quais nos sentimos impelidos a opinar. Assim como atores que quando estão no palco (e, portanto, sabem que estão sendo vistos) moldam seu comportamento em busca do melhor efeito, o uso de SRS muitas vezes implica em selecionar e recortar o que mostramos de nossas vidas, buscando causar uma boa impressão em uma plateia muitas vezes indefinida. Não é por acaso que, falando com possíveis anunciantes que utilizem a plataforma para vender seus produtos, o Facebook se refere àqueles que acessam o site usando o termo audiência (FACEBOOK, 2017).

Foucault (2014a), partindo do modelo panóptico de prisão descrito por Jeremy Bentham, descreve como a arquitetura não só das prisões, mas também das escolas, hospitais e fábricas incorpora elementos de vigilância a partir da modernidade. O panóptico é descrito como uma estrutura arquitetônica em que um anel de celas cerca uma torre central. Os prisioneiros estão constantemente expostos ao olhar dos guardas na torre, mas como não tem como ver o que acontece no interior do edifício central, os habitantes das celas não têm certeza se estão sendo observados ou não. O modelo, de

acordo com Foucault, faz com que os próprios prisioneiros regulem seu comportamento, agindo de acordo com as prescrições, pois pode ser que estejam sendo observados. Para o autor, este é o maior efeito do panóptico: “induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (p. 195).

É importante destacar que esta vigilância não necessariamente materializa-se de forma repressiva, impedindo totalmente qualquer agência dos aprisionados; o poder exercido através do panóptico é muitas vezes produtivo, estimulando os corpos disciplinados a realizarem atividades determinadas, como na fábrica ou na escola. O estímulo e repressão de comportamentos fazem-se a partir desta sensação induzida de permanente visibilidade.

A consciência desta exposição é central na nossa relação com os SRS. Quando tornamos nossas ações e opiniões visíveis nas redes, estas redes se convertem em uma espécie de panóptico. Isso não acontece apenas porque nossas atividades são monitoradas e registradas pelo site com o propósito de exibir anúncios publicitários direcionados a nós; a maior vigilância, aquela nos afeta e impacta no nosso comportamento, vem daqueles para quem compartilhamos informações. O aspecto social das redes faz com que não existam guardas e prisioneiros no panóptico do Facebook; somos todos guardas e prisioneiros, observando e julgando uns aos outros quando compartilhamos conteúdo.

RESISTÊNCIA NOS SITES DE REDES SOCIAIS

Os SRS tornaram-se, nos últimos anos, campo favorável para debates relacionados a diferentes questões políticas, tornando visíveis ao mesmo tempo polarizações partidárias (LEE et al., 2014) e lutas pelos direitos humanos (JOSEPH, 2012). Os mesmos espaços onde se dão relações de poder tornam possíveis abrigos à resistência a estas forças. A internet e os SRS possibilitam o monitoramento e vigilância dos sujeitos, mas também favorecem a organização de muitos dos movimentos sociais minoritários mais recentes: os movimentos *Occupy Wall Street* e as manifestações brasileiras de junho de 2013, apesar dos contextos diferentes, têm em comum o uso das redes como forma de comunicação entre os participantes. Para Krohling Peruzzo (2013), os SRS, no contexto das mobilizações sociais, favorecem a articulação entre as pessoas para o planejamento de ações conjugadas (acertos de dia,

local e hora para encontros presenciais) e ao mesmo tempo servem como arena de debate, difusão, acesso e troca de informações.

Durante o ano de 2010, o Twitter teve um papel significativo na eclosão da primavera árabe, favorecendo a articulação de protestos em países com a Tunísia, Egito e Síria e influenciando a atuação de representantes políticos (PARMEELE; BICHARD, 2011). A rede serviu como campo denúncia de ações autoritárias da polícia e do governo desses países, além de favorecer o agendamento de manifestações com grande alcance popular. A *hashtag*⁶#Egypt foi a mais utilizada durante aquele ano inteiro no Twitter, tendo sido usada por manifestantes e apoiadores da manifestação até mesmo em outros países para dar visibilidade ao movimento. Independentemente do resultado destas revoluções, interessa aqui a força com a qual suas intenções foram acolhidas e distribuídas através das redes.

Estes movimentos sociais disparados em países periféricos que tomaram proporções significativas são relacionáveis ao conceito de resistência para Foucault. Mais ou menos presente em toda a obra do autor, esta noção fala de pontos distribuídos que necessariamente constituem-se sempre que existe uma relação de poder. Estas múltiplas resistências são descritas como “possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício” (FOUCAULT, 1988, p. 91).

Os focos de resistência distribuem-se no diagrama do tempo e do espaço de forma pulverizada, atravessando as estratificações sociais e as unidades individuais e podendo provocar o levante de grupos ou sujeitos. A resistência é a capacidade que a força tem de entrar em relações ainda não previstas pelas estratégias que vigoram no campo político; é criar outras possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas.

Resistir, assim, é sinônimo de criar. Romper com as tentativas institucionais e prescritivas de disciplina e controle, traçar “em seus corpos e suas almas, regiões irreduzíveis” (p. 91). Criar para si – individual ou coletivamente – um modo de vida;

6 *Hashtag* (hash = cerquilha + tag = etiqueta) é uma palavra-chave que, ao ser utilizada pelo autor de uma publicação em um site de rede social, torna o post indexável – ou seja, localizável por outros usuários através de ferramentas de busca. Ao clicar em uma hashtag, o usuário tem acesso a outros posts que também a utilizaram. É comum que comunidades *online* entrem em acordo sobre a utilização de uma hashtag para identificar suas publicações, procurando tornar o assunto relevante. Ainda que seu uso inicialmente estivesse disponível apenas no Twitter, outros sites de redes sociais, como o Facebook e o Instagram, possibilitam hoje a utilização da ferramenta. As hashtags são compostas por uma palavra-chave antecedida pelo símbolo cerquilha (#). Os termos mais utilizados no Twitter ficam agrupadas no menu Assuntos do Momento (*Trending Topics*), encontrado na lateral esquerda do site.

inventar uma própria estética da existência.

CUIDADO DE SI: A VIDA COMO OBRA DE ARTE

Nos últimos livros e cursos de Foucault, a ideia de resistência esteve conectada a um ideal nietzschiano da auto-criação estética. Foucault permaneceu inquieto diante da questão da subjetividade até o fim de sua vida, trazendo à tona, nos seus últimos cursos e livros, procedimentos relacionados ao que ele chama de estética da existência a partir do estudo de escritos de diversos filósofos gregos da antiguidade sobre o cuidado de si.

A prática de uma estética da existência está relacionada às formas pelas quais os indivíduos são produzidos e se produzem enquanto sujeitos em um processo em que pode emergir a resistência aos modos de subjetivação já cristalizados. A localização dos pontos de resistência no questionamento dos modos de subjetividade impostos nos oferece a possibilidade de alterar práticas tidas como intoleráveis; abrem-se possibilidades para a criação de novas formas de experienciar a si mesmo. Então, a posição foucaultiana de que “tudo é perigoso” (FOUCAULT, 2014b, p. 231), bem como a deleuziana de que “tudo é caso de sangue” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 51), não remete ao pessimismo ou ao desespero, e sim às múltiplas formas de resistir, pois haverá sempre uma escolha ético-política a ser feita.

A ética do cuidado de si nos textos gregos estudados por Foucault (2010a) consiste em um conjunto de regras de existência que o sujeito constrói para si mesmo. O cuidado de si “constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (p. 09). Este cuidado só é possível quando o sujeito se volta a si mesmo, ou seja: quando se desloca de quem tem sido até então, vendo que sua consciência esteve localizada em outras coisas que não ele mesmo. A partir deste deslocamento, torna-se possível caminhar em direção a uma estética da existência, uma vida como obra de arte (FOUCAULT, 2014b). Não se trata de uma ética em que o sujeito se isola do mundo de maneira egoísta, mas sim de um momento de retorno para si mesmo para que depois possa agir também sobre o mundo.

Alguns exercícios de cuidado de si vêm sendo relacionados, em pesquisas e ensaios acadêmicos, a práticas comuns nos SRS. Um exemplo é o exercício de escrita de si, proposto por Sêneca, Plutarco e Marco Aurélio, que se constituía como o hábito de escrever diários e cartas “trazendo à luz todos os movimentos do pensamento” (FOUCAULT, 2012, p. 144). Além da escrita (para si e para outros), os exercícios

incluíam meditações, memorizações, exames de consciência e abstinências. Estas práticas de cuidado de si, para os gregos, eram parte de um treino que visava o aperfeiçoamento das artes de viver por parte daquele que os praticava.

A escrita de si praticada pelos gregos difere do exercício praticado mais tarde no cristianismo, quando durante a prática de enclausuramento (anacorese) a prática era estimulada como um ato de confissão total de tudo que atravessasse o pensamento do autor. Nos textos de Atanásio estudados por Foucault (2012), a escrita protegeria o autor dos pensamentos impuros por medo de que seus textos fossem um dia expostos. Ao temer ser lido por outros, e na obrigação de narrar tudo que lhe atravessava o pensamento, o enclausurado se via obrigado a modular o que se passava em sua mente. Deste modo, a escrita substitui o olhar julgador dos outros.

Nos textos gregos, no entanto, a escrita de si aparece como um exercício do pensamento que visa um posterior trabalho na realidade, o objeto de uma conversa consigo mesmo. Foucault (2012) identifica estratégias deste tipo nos escritos de Plutarco, Sêneca, Marco Aurélio e Epícteto.

Nesses textos de Epícteto, a escrita aparece regularmente associada à “meditação”, ao exercício do pensamento sobre ele mesmo que reativa o que ele sabe, toma presentes um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim se prepara para encarar o real. (p. 143)

O autor também destaca que, chancelados por uma tradição muito marcada pelo reconhecimento da importância daquilo que já foi dito, os gregos valorizavam (e colecionavam) citações de falas e textos com os quais entravam em contato. Juntamente com seus próprios escritos, estas citações eram anotadas em seus *hupomnêmata* – cadernos individuais muitas vezes utilizados para contabilidade que, para um público culto, tornaram-se um “livro de vida, guia de conduta” (FOUCAULT, 2012, p. 145). Assim, os *hupomnêmata* eram ao mesmo tempo agenda, *scrapbook*, diário e livro de contabilidade a ser revisitado em leituras meditativas posteriores.

A escrita de si aparece em textos que versam sobre os SRS operando como ferramenta para discussões sobre a escrita de textos na internet, seja no próprio Facebook (DE ALMEIDA, 2017), seja em blogs (LIMA, 2016), ou até mesmo no Instagram (DE SOUZA, 2014), considerando que as imagens também operam como texto, sendo escritas como narrativa e sendo lidas por uma audiência.

O que muitas destas análises deixam de considerar é que não basta que se escreva um texto sobre si mesmo ou sobre seu cotidiano para que se constitua uma

escrita de si. Em geral, as publicações que vemos em SRS atendem às demandas das próprias plataformas; respondem pragmaticamente às perguntas que tanto o Facebook quanto o Twitter nos colocam em caixas de texto com um cursor pulsante, prontas a receber nossas opiniões: *No que você está pensando? O que está acontecendo?*

Ao transformarmos nossa escrita em produtos a serem consumidos por uma audiência, eliminamos dela traços da escrita de si que se faz em busca de uma melhoria de si mesmo, de uma correspondência entre a verdade que se diz e a verdade que se pratica. No que se publica para que outros leiam, há pouco de meditação e quase nada de trabalho, esforços que caracterizam a intenção daquele que pratica a escrita de si. Não se dá a ver a função descrita por Plutarco como etopoiética, “operadora da transformação da verdade em *êthos*” (FOUCAULT, 2012, p. 147). O fim de nossa escrita nas redes tem sido nossa plateia, e não nós mesmos, de forma que a correspondência total entre a escrita de si no modelo grego e a escrita nas redes sociais é uma impossibilidade. McLuhan (1969) nos diz que o meio é a mensagem; as diferenças entre os suportes implicam em diferenças em como os textos são lidos e escritos, pois o suporte condiciona e modifica o que se diz. Enquanto os gregos escreviam sobre si em seus *hypomnemata*, escrevemos hoje no Facebook vislumbrando um leitor externo, de modo que editamos, ficcionalizamos e espetacularizamos (SIBILIA, 2008) nossas vidas.

Dentro destas possibilidades, cabe indagar se é possível escapar dos discursos homogêneos, territorializados, renunciar “aos hábitos de pensamento historicamente estabelecidos que, até agora, têm fornecido a visão padrão da subjetividade humana” (BRAIDOTTI, 2002, p. 09) e que se manifestam nas redes sociais em forma desta massa de clichês. Como constituir linhas de fuga (DELEUZE e GUATTARI, 2012) por dentro das redes sociais, tornando possível o aparecimento de uma existência *online* como obra de arte, singular e única?

Nesta busca de como constituir para si uma estética da existência nos SRS, a experiência de artistas que procuram subverter o uso destas redes pode trazer pistas interessantes. Escritores que exploram o formato dos sites para contar histórias produzem algumas aproximações que podem ser produtivas para pensar em outras possibilidades para o uso de tais ferramentas.

ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA NO TWITTER

A escritora estadunidense Peggy Orenstein criou sua conta no Twitter no ano de

2010. O site, que existe desde 2006, tem como principal funcionalidade suas postagens curtas de até 280⁷ caracteres, mas possibilita também que o usuário compartilhe fotos e vídeos. Orenstein foi orientada pela sua editora a utilizar a rede para promover seu livro *Cinderella Ate My Daughter*⁸, lançado naquele ano. Na percepção da autora, o site era tão somente um espaço para fofocas de celebridades, mas ela também entendia a necessidade de fazer uso dos SRS; hoje em dia, estar presente nas redes é parte do kit de marketing de qualquer escritor que queira ter seu trabalho reconhecido.

No mesmo ano de 2010, Orenstein publicou, na revista do *The New York Times*, um artigo intitulado *I Tweet, Therefore I am*, sobre sua experiência na rede. A referência que o título faz ao famoso aforismo cartesiano é justamente o reconhecimento da importância que o uso do Twitter adquiriu na vida da escritora assim que ela concordou em usá-lo.

No artigo, Orenstein relata que, no começo, encarou o uso do serviço com o desapego estudado de uma antropóloga em uma saída a campo. No entanto, com o tempo a autora percebeu que estava gostando bem mais da experiência do que imaginava que gostaria. Ela observa como a ferramenta modificou sua experiência de si, e coloca sua percepção de que não havia nenhum caráter opressivo na forma como esta transformação se deu.

A narrativa da autora demonstra um processo de produção de subjetividade que se dá justamente na intersecção entre diferentes instâncias: “poderes sobre as territorialidades exteriores, saberes desterritorializados sobre as atividades humanas e as máquinas, e enfim, criatividade própria às mutações subjetivas” (GUATTARI, 1999, p. 179). Para ilustrar sua presença no Twitter, a autora reflete sobre duas postagens suas – uma feita na fila do supermercado, quando viu uma pessoa passar com 20 itens em um caixa expresso para 15; e outra sobre a situação de mulheres na Guatemala, que tiveram seus direitos humanos desrespeitados em alguma situação não especificada no artigo. Ao começar a usar o serviço, a autora percebe a vida de repente cheia de oportunidades para que algo seja dito. Rapidamente ela passa a criar micro-crônicas a partir de suas experiências mais frustrantes e entediantes.

Cada post no Twitter parecia ser um reforço tácito a respeito de quem eu sou, ou pelo menos quem eu acredito ser. O episódio do

7 O limite de caracteres do Twitter era ainda menor até setembro de 2017, possibilitando a publicação de posts de até 140 caracteres.

8 “Cinderela devorou a minha filha” (tradução nossa). O livro não foi publicado em português.

supermercado demonstra que estou atenta aos absurdos Seinfeldianos⁹ da vida; minha preocupação com a vitimização das mulheres, muito sincera, sinalizava que eu também tinha uma alma. Juntos, estes *tweets* sugerem alguém que é ao mesmo tempo cínica e compassiva, mesquinha e profunda. O que, no fim, eu diria que é bastante preciso. (ORENSTEIN, 2010, s/p, tradução nossa¹⁰)

Orenstein viu o a rede como uma oportunidade não só para expressar-se, mas também para articular e constituir sua própria existência. Escrever a postagem perfeita, de acordo com a autora, era também uma forma de dar forma e definição à sua própria vida, conferindo-lhe significado e propósito. Situações íntimas, como um determinado momento descrito pela autora no começo de seu artigo, quando estava sentada no pátio de casa com sua filha, tornam-se oportunidades criativas.

No processo de criação destas postagens e no posterior pensamento a respeito delas, percebe-se como a subjetividade da autora constitui-se a partir dos entrecruzamentos entre as vozes de outros (indivíduos ou coletivos) e a voz dela própria. O cuidado de si não existe isolado, não garante resistência total à polifonia de discursos que nos atravessam cotidianamente.

A decisão final sobre a forma do *tweet* (“Ouvindo ‘*Trumpet of the Swan*’ de E.B. White com Daisy. Devagar e doce”) não diz respeito somente às minhas próprias impressões: diz respeito a como eu imagino – e quero – que outras pessoas reajam às minhas impressões. Isso me fez pensar. O quanto, eu começo a me perguntar, estou moldando meu Twitter, e o quanto o Twitter está moldando a mim? (ORENSTEIN, 2010, s/p, tradução nossa¹¹)

Utilizar um SRS colocou Peggy Orenstein em um estado de atenção constante em relação ao mundo. O serviço a desafiou a encontrar o que ela chamou de “poesia no dia-a-dia”; temas a partir dos quais elaborar suas postagens. Ao mesmo tempo, escrever os curtos textos do Twitter fez com que Orenstein tivesse mais consciência de si própria. Rapidamente uma certa ansiedade passou a ser associada à sua experiência no SRS. O “reforço tácito” que lhe ajudava a definir e recortar a própria existência passou a fazer sentir-se como se tivesse que se justificar ou se provar a cada nova postagem.

9 Referência a Jerry Seinfeld, comediante americano criador da premiada série Seinfeld, famosa nos anos 1990 por sua narrativa simples sobre as situações absurdas do dia-a-dia que acontecem com pessoas comuns.

10 “Each Twitter post seemed a tacit referendum on who I am, or at least who I believe myself to be. The grocery-store episode telegraphed that I was tuned in to the Seinfeldian absurdities of life; my concern about women’s victimization, however sincere, signaled that I also have a soul. Together they suggest someone who is at once cynical and compassionate, petty yet deep. Which, in the end, I’d say, is pretty accurate.”

11 “Yet the final decision (“Listening to E.B. White’s ‘*Trumpet of the Swan*’ with Daisy. Slow and sweet.”) was not really about my own impressions: it was about how I imagined — and wanted — others to react to them. That gave me pause. How much, I began to wonder, was I shaping my Twitter feed, and how much was Twitter shaping me?”

O questionamento não dizia respeito a seu talento ou habilidade para a escrita, mas ela sentia-se obrigada a sempre afirmar quem era, definir sua identidade através de tudo que postava. Não era a escrita dos textos em si que lhe deixava ansiosa – esta parte do processo, de acordo com seu relato, sempre foi recompensador. O que emergia era a noção de que ela estava expondo partes de sua vida para uma audiência anônima, uma plateia indefinida que a julgava a partir do que ela estava postando.

Esta ansiedade, efeito do panóptico virtual ao qual se sentia exposta, fez com que Orenstein revisse sua atitude em relação à rede. Sua resposta, surpreendentemente, foi trabalhar ainda mais duro para constituir uma identidade que a audiência entendesse como positiva. Apelando para sua criatividade, ela passou a “entregar” para seu público no Twitter exatamente o que eles queriam receber: conteúdo divertido, incisivo, um tanto ácido, sempre afiado e contemporâneo. De certa maneira, Orenstein deixou de lado o cuidado de si e passou a buscar agradar sua audiência. Os modos de subjetivação engendrados no SRS articulavam cada vez mais vozes de poder e saber, deixando pouco espaço para uma efetiva ética como estética da existência.

Esta sensação de estarmos sempre expostos a um tribunal invisível que aprova ou desaprova quem somos, é provavelmente um dos efeitos mais significativos do uso excessivo de SRS. Orenstein não estava mentindo para seus seguidores, mas fez tudo que pôde para amplificar suas características que via como virtudes e apresentar sua vida de forma que ela parecesse mais poética e interessante. A autora desafiou a si mesma a recolher inspirações incomuns de momentos cotidianos. De quantas formas diferentes ela poderia ter contado a história sobre o tempo que passava com sua filha? Qual a melhor forma de contar essa história e mostrar, da melhor forma possível, sua veia artística e seu intelecto?

Quando tomamos um momento e o “empacotamos” em forma de uma postagem de 280 caracteres, fazemos mais do que criar conteúdo para compartilhar com nossos amigos. Nós afiamos nossa visão do mundo, e no processo produzimos a nós próprios, constituímos-nos enquanto sujeitos. Para elaborar uma postagem, muitas vezes nós nos distanciamos da nossa própria experiência e a transformamos em uma história na qual ocupamos o papel de protagonistas. É possível estar atento ao que há engraçado, interessante, curioso e único no curso das nossas vidas e experiências e capturar esta sensação em um arranjo de palavras. Como artistas que dão forma e definição à própria vida a partir de uma pintura ou um poema, podemos definir, talhar nossas vidas a partir do que postamos nas redes sociais. O jogo está em equilibrar as forças envolvidas neste

processo; está em corresponder a verdade de nossas palavras à verdade dos nossos atos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que você está pensando? O que está acontecendo? Impelidos a responder estas perguntas, estamos atendendo à solicitação do SRS para geração de mais e mais conteúdo. Mais da nossa opinião sobre a última polêmica da semana; mais do que temos feito nas nossas horas livres e nos nossos fins de semana; mais das nossas viagens a trabalho ou lazer; mais das músicas e filmes que gostamos. Sentimo-nos motivados a dizer mais e mais, constituindo (junto com os outros que se manifestam) uma massa de clichês, repetidos infinitamente.

Este compartilhamento e esta presença, contudo, são editados ao gosto do panóptico, de nossa plateia indefinida, e correspondem a partes de nossas vidas que gostaríamos de mostrar. Alimentamos o sistema que em seguida utilizará estes dados em sua estratégia de mercado, em uma espécie de distopia um tanto cômica: nossa intimidade tornada pública serve para que o Facebook passe a anunciar exatamente o sapato, o restaurante e o livro certos para nós.

Mesmo diante deste cenário aparentemente distópico, é preciso considerar que a filosofia de Foucault, ao recusar-se a nos entregar soluções determinantes, nos auxilia também a superar a negatividade com a qual podemos pensar a estética de si praticada em SRS. Foucault recusa-se a pensar um sujeito soberano, dono de uma interioridade supostamente “pré-social, extralinguística e a-histórica” (SILVA, 2000, p.15). O pensamento clássico a respeito do sujeito e da identidade fixa nos faria crer que articular a si mesmo criativamente a partir das relações sociais seria desonesto ou impossível.

Em seus últimos trabalhos, Foucault problematizou e desconstruiu o que ainda restava deste sujeito soberano. Na opinião do autor, aqueles que pensam que suas identidades são dadas e fixas estão cometendo um erro metafísico. O sujeito não é dado: ele é feito e refeito constantemente em uma variedade de contextos, constituindo-se de formas totalmente diferentes a cada geração. As instituições modernas (escola, igreja, família, fábrica, empresa, universidade) estão a todo tempo nos fabricando enquanto passamos por elas, e quanto mais nos deixarmos ser constituídos por estas instituições, menos poderemos definir a nós próprios.

O pensamento foucaultiano, neste sentido, coloca-se ao mesmo tempo como combate à atenção excessiva à uma audiência, e como possibilidade para invenção de

usos subversivos dos próprios SRS. Se estamos interessados em liberdade, seja ela individual ou coletiva, então é melhor que assumamos papel ativo em inventar a nós mesmos, criando-nos com quaisquer ferramentas que tivermos à mão.

REFERÊNCIAS

- BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. **Labrys, estudos feministas**. Brasília, n. 1-2, jul. /dez. 2002.
- DE ALMEIDA, Tereza Virginia. Facebook: Uma Tecnologia de Si. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 18, n. 28, 2017.
- DE SOUZA, Yorrana P. Maia. Cartografia de si: o processo de criação através dos territórios particulares e compartilhados no Instagram. **Blucher Design Proceedings** 1.4 (2014): 3118-3128.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3**. Tradução Aurélio Guerra Neto et alii. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- FACEBOOK. **Learn More About the People that Matter to Your Business with Facebook Audience Insights**, disponível em: <https://www.facebook.com/business/news/audience-insights>. Acesso em 07 set. 2017.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981/1982)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV – Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- FOUCAULT, Michel. Escrita de si. In: **Ética, sexualidade e política. Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso. In: **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Ditos e Escritos IX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.
- GILL, Rosalind; PRATT, Andy. In the Social Factory? Immaterial Labour, Precariousness and Cultural Work. **Theory, Culture & Society**. London – UK, Vol. 25, n. 7-8, 2008.
- GUATTARI, Félix. Da Produção de Subjetividade. In: PARENTE, A. (org.) **Imagem-máquina. A Era das Tecnologias do Virtual**. Tradução Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: 34, 1999.
- ITU. **ICT Facts and Figures 2016**. Disponível em: <<http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/ICTFactsFigures2016.pdf>>. Acesso em 17.04.2017.
- JOSEPH, Sarah. Social media, political change, and human rights. **BC Int'l & Comp. L. Rev.**, v. 35, p. 145, 2012.
- JULIANI, Douglas Paulesky et al. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. **Renote**, v. 10, n. 3, 2012.
- KROHLING PERUZZO, Cicilia M. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia

- alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). **MATRIZES**, v. 7, n. 2, 2013.
- LEE, Jae Kook et al. Social media, network heterogeneity, and opinion polarization. **Journal of communication**, v. 64, n. 4, p. 702-722, 2014.
- LIMA, Marco Aurélio de. **Contornos de subjetividades na web – a escrita de si em blogs: uma análise institucional do discurso**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MUSSO, Pierre. A Filosofia da Rede. In: PARENTE, A. (org.) **Tramas da Rede – Novas Dimensões Filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- MCLUHAN, Marshall. O meio é a Mensagem. In: **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- ORENSTEIN, Peggy. **I Tweet, Therefore I am**. Disponível em <http://www.nytimes.com/2010/08/01/magazine/01wwln-lede-t.html?_r=1>. Acesso em 08 set. 2017.
- PARMELEE, John H.; BICHARD, Shannon L. **Politics and the Twitter revolution: How tweets influence the relationship between political leaders and the public**. Plymouth, UK: Lexington Books, 2011.
- PERRONS, Diane. The New Economy and the Work–Life Balance: Conceptual Explorations and a Case Study of New Media. **Gender, Work and Organization**. Malden – USA, vol. 10, n. 1, 2003.
- SECOM. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016**. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf>>. Acesso em: 17.04.2017.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SILVA, Thomas Tadeu da. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica. In: **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ZANCANARO, Airton et al. Redes Sociais na Educação a Distância: uma análise do projeto e-Nova. Datagramazero: **Revista da Informação**, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2012.